

EDUCAÇÃO

AFRO



NEN - NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS

JORNAL DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO:  
ESCOLA, ESPAÇO DE LUTA CONTRA O RACISMO

NESTE NÚMERO

2  
PÁGINAMovimentos  
populares e  
planejamento  
escolar3  
PÁGINA10  
ANOS DO  
NEN4  
PÁGINAInfluências  
das línguas  
africanas no  
português do  
Brasil

# Avaliação da aprendizagem na escola

Maria Aparecida Clemência  
Orientadora Educacional e membro do G.T. Educação e  
Desigualdades Raciais da UDESC

Falar de avaliação, sugere pensar a relação professor-aluno no processo ensino aprendizagem.

Avaliação na escola lembra notas, conceitos, média, mensuração. Geralmente o que se observa é que o professor utiliza-se da avaliação para classificar o aluno e não para verificar seu nível de aprendizagem, tendo em vista um objetivo proposto.

O retrato que se tem é de que ao longo de todo o ano, os professores preocupam-se em classificar seus alunos (os que podem aprender, os que não adianta e os mais ou menos). Os

privilégios a partir da aparência, limpo, educado, branco, etc... também contribuem nessa classificação. Ignoram o que fazer com a criança para ajudá-la, pois esta não consegue acompanhar o que lhe é ensinado.

As observações acima, estão a sugerir que avaliação institucional, ausenta a criança enquanto sujeito que constrói o conhecimento.

Contudo, entendemos que a avaliação deva começar no momento do planejamento do professor, e nesse momento, deva estar incluído professor, aluno, filosofia da escola, assim como o desejo de mundo, de sociedade a almejar.

A avaliação deve

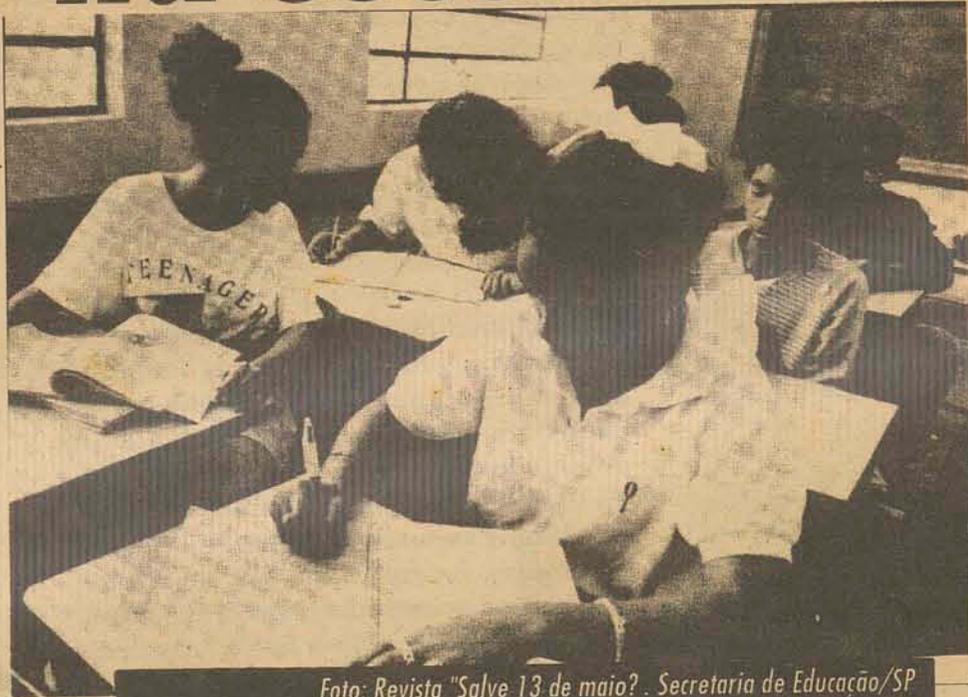


Foto: Revista "Salve 13 de maio?". Secretaria de Educação/SP

revelar para o professor e para o aluno se os objetivos propostos foram atingidos, ou seja, se o aluno conseguiu assimilar os conhecimentos e, não só isso, se houveram transformações, se novos conhecimentos foram produzidos.

Em se tratando do alunado oriundo de famílias de baixa-renda, fatores que vão além do simples ato de ensinar e aprender, devem ser considerados, sua cultura, étnia, condições psico-emocionais, etc.

O resultado a ser esperado pela escola enquanto aprendizagem

institucional, deve dar conta de verificar e observar como a criança aprende e não apenas atese a padrões estéticos de avaliação, pois certamente não é desta forma que ajudaremos a criança a superar as contradições de seu raciocínio e atingir autonomia cognitiva.

O processo de aprendizagem de qualquer conteúdo, deve ser conduzido pela criança, cabendo ao professor criar situações desafiadoras para que ocorra e, orientando-a no caminho mais eficaz na direção dessa conquista, estando a avaliação inerente a esse processo.



A entrada de um novo ano, gostaríamos de saudar os leitores do Educa-Ação Afro. Dizer ainda, ser este ano, repleto de novos desafios, ainda mais, para nós do Núcleo de Estudos Negros, que comemoramos nossos dez anos de existência e de compromisso com o povo negro, em nossas várias áreas de atuação.

Para nós do programa de educação, que viemos do nascedouro de nossa entidade, são dez anos de intensas buscas para que o espaço da escola, reconheça a necessidade de espelhar a gama de variedades do qual é feita a sociedade brasileira. Com atenção especial ao contingente de negros, que não tem a possibilidade de se reconhecer na escola. A história dos afro-brasileiros tem sido silenciado no currículo escolar, o que tem impossibilitado de compreender os mecanismos que nos excluem.

Neste sentido queremos começar pela discussão sobre planejamento escolar. Entendemos o processo de planejamento, inserido na preocupação de para quem se planeja? Fazemos esta indagação, tendo em mente, que o professor ao pensar conteúdos a serem ministrados durante todo o ano, necessita refletir sobre a diversidade de situações e realidades, intrínsecas a uma sociedade pluricultural, e assim tem, necessariamente que ser vista por aqueles que tem o compromisso de formação de nossos jovens.

Para tanto, chamamos a sua atenção, para que o planejamento mais do que um instrumento que regule os conteúdos, seja uma reflexão a respeito do papel da escola, em verdadeiramente, conseguir formar cidadãos que possam encarar os desafios de uma sociedade que se torna global, e em consequência estar mais próximo na busca de melhores condições de avaliar seus desdobramentos e interfaces que isso significa. Fundamental torna-se que os educandos, em especial os negros, possam ter acesso ao conteúdo cultural que lhes é peculiar sem estereótipos ou deformações.

Com isto, ressaltamos a disposição do Programa de Educação, estar acompanhando o processo que deva culminar em um novo currículo para o município de Florianópolis, tendo em vista, nossa luta, prioritária em torno da questão negra. Com isso, estamos pleiteando, junto a Secretaria de Educação, participarmos do novo seminário, que deverá ocorrer em abril, onde pretendemos atingir a rede de ensino com maior ênfase nestas questões, e transformar a grade curricular, numa carta explícita do compromisso, contra o racismo, pela igualdade e a vida.

Axé e Luta!

Ivan Costa Lima  
Coordenador de Educação/NEN

# Movimentos populares e planejamento escolar

Jeruse Romão  
Pedagoga e membro do NEN

A expectativa dos setores populares para com a escola, de forma imediata, é a melhoria de qualidade de vida. Seria esse o resultado, se a trajetória dos alunos na escola fosse linear. Existem inúmeras adversidades que vão desde as desigualdades econômicas, sociais e políticas entre alunos, alunos e professores, elementos que causam inúmeras influências na trajetória escolar dos alunos.

Por este motivo, os movimentos populares, defendendo a escola como instrumento de melhoria de qualidade de vida, buscam interferir para que estes elementos sejam considerados no processo educacional de crianças e adolescentes de setores excluídos.

O movimento negro, no Brasil, tem buscado evidenciar as interferências da desigualdade na trajetória escolar dos alunos negros que, vão desde os conteúdos até a avaliação realizada pelo professor.

Questionamos o papel da escola, quando apresenta-se singular, eurocêntrica e fora do contexto da realidade de uma grande maioria da população que dentro ou querendo adentrar-se a ela, sentem-se excluídos do cotidiano e de sua rotina. Conteúdos estritamente referenciados na sociedade branca, avaliação sem considerar a cultura dos alunos negros, dinâmica escolar rígida e por assim ser, absolutamente autoritária, descontinua e desconstrutivista na medida que não considera o referencial cultural e humano dos alunos negros. Que papel possui esta escola?

Neste sentido, O Núcleo de Estudos Negros, tem se colocado à disposição da Secretaria Municipal de Educação, como parceiro na construção de um novo currículo escolar que, contemple o referencial histórico dos alunos. Um novo currículo se faz urgente, necessário, afinal a história da construção

política da sociedade brasileira, se repete na história da construção do currículo da escola brasileira. Os excluídos para um processo, são os excluídos do outro, e fora de ambos encontramos os negros, as mulheres, índios, deficientes, pobres entre tantos.

Assim sendo, alertamos aos professores que, no processo anual de preparação de seus planejamentos, considerem esses elementos. O Planejamento, elaboramos prevendo trabalhar com realidades diversas e por assim ser, necessitamos compreender estas realidades. Necessitamos aprimorar nossas possibilidades de permitir que os processos de construção sejam múltiplos, cada qual com seu referencial. Necessitamos buscar avaliar não sob o ponto de vista de nossa formação individual, mas, para aquilo que deveríamos ser preparados enquanto professores. Avaliar

analisando individualidades no nosso coletivo, que chamamos série, turma, classe, grupo, nomes que remontam para uma pluralidade que inúmeras vezes não percebemos. Alunos Afro-brasileiros, luso-brasileiros, italo-brasileiros, nipo-brasileiros, enfim, alunos de diferenças heranças culturais e históricas por si só merecem um currículo que façam com que conheçam e se possível se reconheçam na história do outro. E o outro não deve ser o desigual no espaço de quem imagina-se maioria. Numa linguagem matemática, o todo deve continuar sendo a soma das partes.

A escola deve recuperar, acreditamos, seu papel de ensinar. Construindo os conceitos, que com certeza nossas crianças e adolescentes sabem expressar, afinal, Fa, não é só da "fazenda da vovó" pode ser da "favela", da "fábrica", e de fazer diferente. Sem desigualdades.

# Os 10 Anos do NEN

Em 6 de novembro de 1986, militantes e simpatizantes da luta-antirracista reuniram-se para discutir sobre a necessidade de se constituir um coletivo de negros, para atuação na cidade de Florianópolis. Surge o NEN, Núcleo de Estudos Negros.

do NEN, foram desenvolvidas a partir da proposta de agrupar os militantes por área de formação dos mesmos. Surgiram então a Comissão de Educação, Saúde, Comunicação, Habitação e Estudos, que tinham por objetivo pensar políticas para a população negra.

instituições públicas como aparelhos reprodutores da ideologia racista do Estado. Compreendia também que a situação de marginalização social e política do Negro como um problema de raça, e não de classe, como alguns setores negros inclusive pregavam, e, por este motivo buscariam nos setores que pregavam a transformação social, estabelecer a radicalidade até então ausente em seus debates sobre esta questão.

O NEN cresceu. Desenvolvemos ações no município, no Estado, na Região Sul e no País. Somos negros, que dedicamos nossa formação profissional a causa dos negros, e, com certeza, muitas de nossas lutas estão hoje na ordem do dia de vários setores, na ocasião dos 301 anos de Zumbi dos Palmares, do qual nós, negros Afro-Brasileiros somos herdeiros. Zumbi Vive!



Aos encontros  
Da direita para esquerda:  
Vicente do Espírito Santo, Márcio de Souza, Ivan Costa Lima, Sonia Mara de Souza, Miguelina Nogueira, Dandara de Souza, Maristela de Souza, João Carlos Nogueira e Paulino de Jesus.

seguintes, surgem mais companheiros, que pretendem somar idéias de pensar Movimento Negro numa concepção diferenciada da até então existente.

As primeiras ações

Um outro aspecto importante deste processo foi a definição de seu perfil. O NEN desde então, se propunha a atuar no campo da transformação social, identificando as

O G.T. Educação e Desigualdades Raciais da Udesc e o Núcleo de Estudos Negros desenvolverão no ano de 1996 uma pesquisa que objetiva levantar o número de alunos negros e não negros nas redes públicas de ensino de Florianópolis, bem como detectar se existir, os mecanismos que dificultam o acesso e permanência dos alunos negros nos bancos escolares.

O G.T. Educação e Desigualdades da Udesc, durante o ano de 1996, estará desenvolvendo uma série de atividades tais como seminários, debates, ciclos de estudo sobre o negro. Se você tem interesse em participar, entre em contato com Prof Neli, no NAPE, através do fone: 222-9168 para ser comunicado quando da realização das atividades, todas com certificados expedidos pela UDESC.

Em Novembro de 1996, o Programa de Educação do NEN, estará realizando o 2º Encontro Estadual Negro e Educação, que

terá como temática "Currículo e Cidadania".

S.O.S Racismo. Além dos Programas de Educação e Mercado de Trabalho, o NEN tem atuado na assessoria jurídica a vítimas de racismo, garantindo o acesso dos casos a justiça. Se você foi vítima ou conhece alguém que sofreu crime de racismo entre em Contato com o Programa de Justiça, com Paulino, no fone 2240769.

O MOVER (Movimentos Sociais e Universidade) constituído por docentes e discentes da UFSC, ONG's e Movimentos Populares, dentre eles o NEN, promoverá um curso de formação para educadores populares, com início previsto para 5 de março. O curso será realizado as quartas-feiras das 19 às 22 horas, tendo como local o Centro de Educação da UFSC. Informações: fone: 231-9245, com as professoras Ana Borges e Maristela Fantin.



## TOQUES AFROS

# Zumbi nas Escolas

Em atividade alusiva aos 300 anos de Zumbi dos Palmares, comemorado em 1995, o Núcleo de Estudos Negros (NEN), desenvolveu o "Circuito Zumbi" nas Escolas da rede municipal de ensino.

A proposta objetivava estimular a discussão das questões raciais no Brasil a partir da cultura negra, aqui no caso, o Rap.

A experiência foi extremamente animadora. Os alunos mostraram-se identificados com esse aspecto da cultura negra. Os meninos do Rap, adolescentes negros, por outro lado, vivenciaram uma experiência inesquecível. Em meio a pedidos de autógrafos, telefone e solicitação

de mais apresentações na escola, os alunos e Rappers puderam trocar suas referências culturais e mostraram absoluta interação.

A proposta apontou para um questionamento? Se existe tanta identificação, se os alunos gostam e conhecem o Rap, porque a cultura negra não está presente na escola? Esperamos dar continuidade a essa proposta e levar também a cavoeira, Maculelê e outras manifestações da cultura negra como instrumento para se discutir não só a História do Negro, mas, sobretudo, a escola para todos com a História de todos.

Aos Diretores, professores, funcionários e alunos, o nosso obrigado pela inesquecível acolhida.



SILVA, Tomaz Tadeu. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. RJ, Vozes, 1995.

Os "Estudos Culturais", uma área de pesquisa da educação, é apresentado no livro através de ensaios que buscam discutir os elementos de reflexão que os autores trazem para o espaço da escola. As políticas de formação de identidades sociais, o racismo, o machismo, os preconceitos, o etnocentrismo são analisados buscando apontar para a esperança de um futuro consolidado num conjunto ampliado de possibilidades que permitam conceber qual contribuição da escola para o cidadão e suas comunidades, desafiando a compreensão do papel tradicional dos educadores como meros transmissores de informações e, insistindo que estes são produtores culturais profundamente implicados nas questões públicas.

### ASSINE ESTA IDÉIA!

Caro Leitor, Educa-Ação Afro: jornal do programa de educação do NEN é uma das poucas experiências de imprensa negra do estado de Santa Catarina. Para que este periódico siga discutindo a questão negro e educação, encaminhamos proposta de assinatura desta idéia.

### AXÉ E LUTA!

Educação-Afro: Publicação Trimestral do Núcleo de Estudos Negros - NEN

( ) Assinatura Individual - 01 exemplar - R\$ 5,00 - 01 ano

( ) Assinatura Grupal - 05 exemplares - R\$ 10,00 - 01 ano

( ) Assinatura de Apoio - 10 exemplares - R\$ 20,00 - 01 ano

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Nº: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_

Fax: ( ) \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Enviar Cheque Nominal ou fazer depósito na conta do Núcleo de Estudos Negros - NEN, Banco Bradesco, Agência 0348 - c/c 80786-9 e enviar com este cupom o xerox do recibo de depósito, para a R. Felipe Schmidt, 390/701 - Centro - 88010-001 - Florianópolis/SC.



## CALENDÁRIO

### FEVEREIRO

- 02/1988 - A Constituinte aprova a emenda do Deputado Federal Carlos Alberto de Oliveira - Caó, estabelecendo racismo como crime inafiançável e imprescritível
- 11/1990 - Nelson Mandela é libertado pelo governo racista da África do Sul
- 14/1961 - Morre assassinado Patrice Lumumba
- 19/1919 - Du Bois organiza o I Congresso Pan-Africano, em Paris
- 1974 - Morre, em Santa Teresa (RJ), o poeta Solano Trindade
- 21/1965 - Morre, em Nova Iorque, Malcolm X
- 23/1868 - Nasce Du Bois, pai do africanismo
- 22/1996 - Derrubada a decisão que vigorava até 1995, proibindo a frequência de alunos negros no mesmo espaço de alunos brancos, África do Sul

### MARÇO

- 03/1687 - Domingos Jorge Velho, assina o contrato para destruir o Quilombo dos Palmares
- 06/1957 - Independência de Gana, primeira nação da África a tornar-se independente
- 08 - Dia Internacional da Mulher
- 21/1960 - Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, em memória do Massacre de Sharpeville, África do Sul
- 1975 - Independência da Etiópia
- 1990 - Independência da Namíbia

### ABRIL

- 04/1990 - Independência do Senegal
- 1968 - Morre assassinado nos EUA, Martin Luther King Jr.
- 08/1960 - O governo racista da África do Sul decreta a ilegalidade do Congresso Nacional Africano
- 27/1960 - Independência do Togo
- 30 - Dia Nacional da Mulher

Antes de tudo, quero dar os parabéns ao Núcleo de Estudos Negros pela oportunidade que tive de conhecer o jornal EDUCA - AÇÃO AFRO. Sem dúvida, um veículo de informação mais do que necessário a todos nós que sofremos de um mal chamado perda de memória, numa batalha sem trégua. Evidentemente que, marcado pelas limitações, num estado como Santa Catarina, o jornal pode ter extensões bem maiores.

O universo de fontes de informação como de público, é vasto e rico. A perspectiva é de fazer conhecer o espaço onde estamos e aquele de onde viemos, para se ter, pelo menos, noção do que vem a ser civilização. O EDUCA - AÇÃO AFRO tem tudo para isso e muito mais. Aqui, mesmo distante, dou meu voto de credibilidade. A primeira impressão é que vale e, logo que vi o jornal em Salvador, no Encontro de Vereadores contra o Racismo, já aprovei. Parabéns e bom trabalho em frente.

Marcos Rodrigues  
Jornalista  
(DRT/BA 1143)  
Salvador - BA

Caros colegas de luta,

"... venho por meio deste pedir que me ajudem mandando panfletos ou temas de livros para que possa aprofundar meus conhecimentos. Sobre o jornal EDUCA-AÇÃO AFRO se fosse possível mandar um exemplar para mim..."

Schyrlley L.C. Pereira  
Imbituba - SC

# Uma escola diferente

Com o objetivo de resgatar a auto-estima para a conquista da cidadania, através do método construtivista, a escola Eugênia Anna dos Santos funciona nos padrões normais das demais escolas oficiais do município de Salvador. Instalada no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro do São Gonçalo, a escola possui uma grade curricular e mais um programa paralelo de atividades que visam reforçar o sentimento de identidade em cada criança, certamente o cidadão do futuro. As atividades têm as professoras Maria Auxiliadora Ximenes, na supervisão, e Marinalva Cerqueira de Almeida, na Direção.

A criação de uma escola era um sonho de mãe Aninha, no início do século, fundadora e primeira ialorixá do Afonjá, que desejava todos os seus filhos formados aos pés de Xangô. A semente deixada por mãe Aninha brotou várias décadas depois, a partir de um projeto de educação pluricultural. A intenção era atender à mini-comunidade do Axé, mas, o São Gonçalo cresceu, e o projeto original



passou por várias fases - inclusive já teve uma creche - e acabou virando escola oficial há dez anos. Atualmente, é freqüentada por crianças do bairro.

Pelo fato de estar dentro de um terreiro, a escola não oferece um ensino de tendência religiosa, nem sofre nenhum tipo de interferência por isso. A supervisora explica que na escola há pessoas de várias origens e crenças, sem nenhuma espécie de conflito. Fora do currículo normal, continua, são desenvolvidas atividades de

extensão e subprojetos como jardinagem, reciclagem de papel, oficina de brinquedos reciclados e uma feira anual de ciências. Outra atividade de destaque na escola é a formação do Coral Faraimará, com 34 participantes, criado e regido pelo músico Marcos Santana. Maria Auxiliadora informa que todas essas atividades são executadas por pessoas voluntárias que passam pelo Axé e oferecem alguma contribuição.

De acordo com a disponibilidade de pessoal e do

\*Marcos Rodrigues

período de atividade da escola, os alunos recebem aulas de italiano, inglês, iorubá (uma vez que a maioria vive o dia-a-dia do terreiro). Sem esquecer que a escola se encontra nas instalações de um terreiro, os alunos recebem uma orientação voltada para a ecologia. A supervisora confirma a grande importância de zelar pela preservação ambiental, já que o universo do terreiro é cercado pela natureza. "Aqui a criança aprende a construir seu próprio mundo desenvolvendo o senso de interpretação", assegura a professora destacando que "aí está o ponto onde a escola é diferente".

A escola Eugênia Anna dos Santos também é responsável pela edição da *Folha do Axé*, um boletim mensal de variedades que aborda fatos e pessoas da comunidade. Maria Auxiliadora esclarece que a *Folha* é aberta à participação de qualquer pessoa, inclusive os alunos da escola, o que significa um incentivo para despertar a cidadania.

\* Marcos Rodrigues  
é Jornalista

## Programa de Educação - Lançamento

### Vídeo mostra história do movimento

O Programa de Educação do Núcleo de Estudos Negros/NEN lançou no último dia 13 de maio o vídeo "O que é Movimento Negro?". Este vídeo, primeiro da coleção "O que é?", é dirigido aos educadores e todos os interessados em trabalhar com conteúdos afro-brasileiros nos currículos escolares, em espaços de formação, capacitação e pesquisa.

Apresenta de forma concentrada a trajetória do Movimento Negro no Brasil, do período da escravidão às fases posteriores, ou seja, o surgimento da Frente Negra Brasileira; a atuação política e educativa do Teatro Experimental do Negro; a ditadura militar; o Movimento Black Soul e a atualidade, enfocando depoimentos que abordam a diversidade de luta



e organicidade do Movimento Negro.

Em formato VHS/NTSC, 13 minutos, cor, este material está à disposição dos interessados e os pedidos poderão ser feitos através do fone (048) 224-0769 ou [nen@ced.ufsc.br](mailto:nen@ced.ufsc.br) com Ivan, Jeruse ou Sônia.

# Multiculturalismo e educação

\*Maria Aparecida da Silva



O multiculturalismo está na ordem do dia. Talvez seja uma opção para a famigerada “crise dos paradigmas”, uma saída, dita nova, para velhos problemas sem solução. Nas dimensões determinadas para este texto, procurar-se-á contextualizar brevemente alguns pressupostos da perspectiva multicultural em educação, problematizando-a via perspectiva anti-racista e delimitação de alguns questionamentos quanto à sua aplicabilidade à realidade sócio-cultural do Brasil.

A multiplicidade de culturas e etnias tem caracterizado as sociedades modernas. Portanto, a ideia de multiculturalismo é uma resultante destes processos civilizatórios marcados pela heterogeneidade. São características do multiculturalismo: o reconhecimento da filiação de cada indivíduo a um grupo cultural; o destaque à herança cultural de cada um desses grupos, para que os demais

possam apreciá-la e respeitá-la; a afirmação da equivalência dos vários grupos étnico-culturais de uma dada sociedade; a postulação (por vias legais ou não) do direito dos grupos sociais manterem suas singularidades culturais; o enaltecimento da diversidade como característica positiva das sociedades modernas.

Na sociedade norte-americana, o multiculturalismo tomou vulto nos últimos dez anos, em resposta às atitudes neonativistas e xenófobas dirigidas aos imigrantes latinos pela população branca dos EUA. Estes imigrantes buscavam o “paraíso do Tio Sam” como alternativa às péssimas condições econômicas (desemprego, inflação e baixos salários) dos países de origem.

Nos países da Europa, o problema da diversidade étnico-cultural é mais antigo e complexo. As fortes migrações dos países de África e Ásia ocorridas nas décadas de setenta e oitenta, motivadas por conflitos étnicos, guerras, perseguição política, fenômenos sociais e físicos (fome, seca...), criaram a categoria dos “refugiados”. Pessoas que aportam identidades estranhas aos países nos quais se refugiam, expressam necessidades e exigem direitos das democracias européias. Mais recentemente, no processo de rearranjo do mundo socialista, emergiram no leste europeu, exigindo direitos, minorias étnicas, linguísticas e religiosas, até então sufocadas pelas culturas dominantes.

Tornou-se necessário então, que a educação formal desse respostas aos problemas gerados pela convivência de culturas diversas no mesmo espaço social. Neste sentido, foram desenvolvidas várias iniciativas de tolerância cultural e enaltecimento da diversidade. Uma série de

práticas celebrativas, destacando aspectos culturais diferentes daqueles da cultura dominante, muitas vezes exóticos aos olhos desta, foi proposta para incentivar a tolerância. Mas, o que significa tolerar alguém, ou tolerar outra cultura?

## Sem equidade

O verbo tolerar, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, do latim *tolerare*, significa ser indulgente com. Como se tem certeza da origem latina da palavra, não é preciso grandes elucubrações para descobrir seu significado noutras culturas; basta partir da raiz do vocábulo. Logo, quando se diz que uma cultura tolera a outra, está implícita (ou explícita, para os olhos mais atentos) a concessão feita pela cultura dominante para que as culturas estrangeiras se manifestem. Não existe, portanto, a propalada equidade entre os grupos culturais diversos.

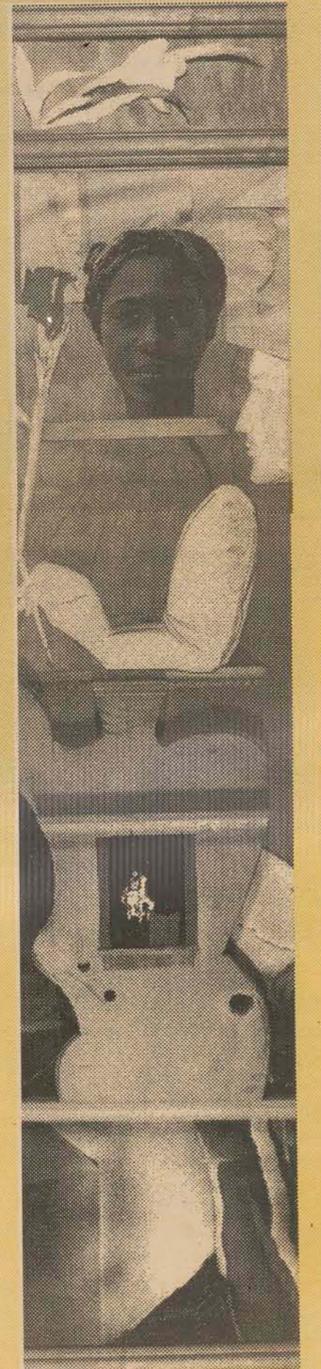
A educação anti-racista, ideário que se desenvolveu concomitantemente ao multiculturalismo em escolas européias, notadamente em escolas de Londres, Reino Unido, foi a primeira a apontar as contradições do multiculturalismo. Ou seja, a exposição pura e simples da diversidade cultural e a celebração da diferença não problematizam os conflitos e as contradições das relações étnico-raciais assimétricas, não aprofundam a discussão do racismo, do sexismo e da xenofobia. Conseqüentemente, não propõem alternativas concretas de superação dos preconceitos e discriminações, para que as diferenças não sejam transformadas em desigualdade, e, de fato, os diversos grupos étnico-raciais possam respeitar-se

mutuamente e conviver em harmonia

A educação anti-racista, ao contrário do multiculturalismo, compreende o racismo como elemento estrutural das sociedades modernas, como um conjunto de políticas, concepções institucionais e práticas da vida cotidiana que reiteram a primazia de um grupo pretensamente superior sobre outros. O racismo é tratado como uma ideologia que precisa ser explicitada e combatida. Uma ideologia que não pode ser amortecida ou camuflada por falsas crenças de convivência pacífica e harmoniosa. Por trás destas, descortina-se o esconderijo de práticas insidiosas de subordinação, protagonizadas pôr um grupo racial dominante sobre outro(s).

## Estrutural

E quanto à realidade educacional brasileira? O enfrentamento deste problema social tão urgente, ou de alguns aspectos dele, a crescente expulsão de adolescentes e jovens da Escola, por exemplo, poderia ser facilitado pela perspectiva multicultural na educação? Pela inclusão de saberes destes grupos, tradicionalmente excluídos dos currículos? Parece não haver uma resposta pronta, é um debate que está começando. Entretanto, se não houver vontade política de cada educador(a) para desmitificar a decantada democracia racial brasileira, diariamente utilizada para amortecer os conflitos raciais entre os (as) alunos(as) no cotidiano escolar, se não houver coragem e ousadia para assumir o racismo como um componente estrutural da sociedade brasileira, o multiculturalismo será uma panacéia que não resolverá os problemas educacionais do país.



\* Maria Aparecida da Silva - [Gdinha@geledes.com.br](mailto:Gdinha@geledes.com.br)  
Historiadora. Coordenadora Executiva e  
Coordenadora do Núcleo de Educação e  
Formação Política do Geledes -  
Instituto da Mulher Negra.

## O QUE VOCÊ PODER LER SOBRE MULTICULTURALISMO

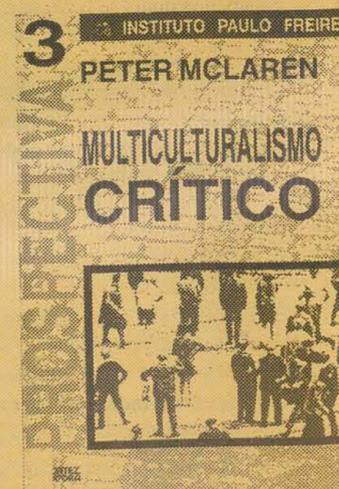
ANDRADE, Elaine Nunes. **Do movimento negro juvenil a uma proposta multicultural de ensino: reflexões.** In: Educação e os Afro-Brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas. Salvador. Programa a Cor da Bahia/UFBA. 1997 (Série Novos Toques)

ESSED, Philomena. **Por trás da fachada holandesa: multiculturalismo e a negação do racismo nos Países Baixos.** Estudos Afro-Asiáticos (28) RJ, outubro, nº 28, 1995, p. 171-183.

GONÇALVES, Luís Alberto de O. **Discriminação étnica e multiculturalismo.** In: Formação do Educador. Vº 3, SP, UNESP, 1996, p. 57-69.

PINTO, Regina P. **Multiculturalidade e educação de negros.** SP, Papirus, Cadernos CEDES, n.º 32, 1993.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** Prefácio Paulo Freire, apresentação Moacir Gadotti; Tradução Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997.



# Centro de referência de material didático afro-brasileiro

No dia 13 de maio, o Programa de Educação lançou o Centro de Referência de Material Didático Afro-Brasileiro, que tem por objetivo pesquisar, produzir e catalogar os recursos didático-pedagógicos produzidos no Brasil e que tenham a história e cultura afro-brasileira como tema.

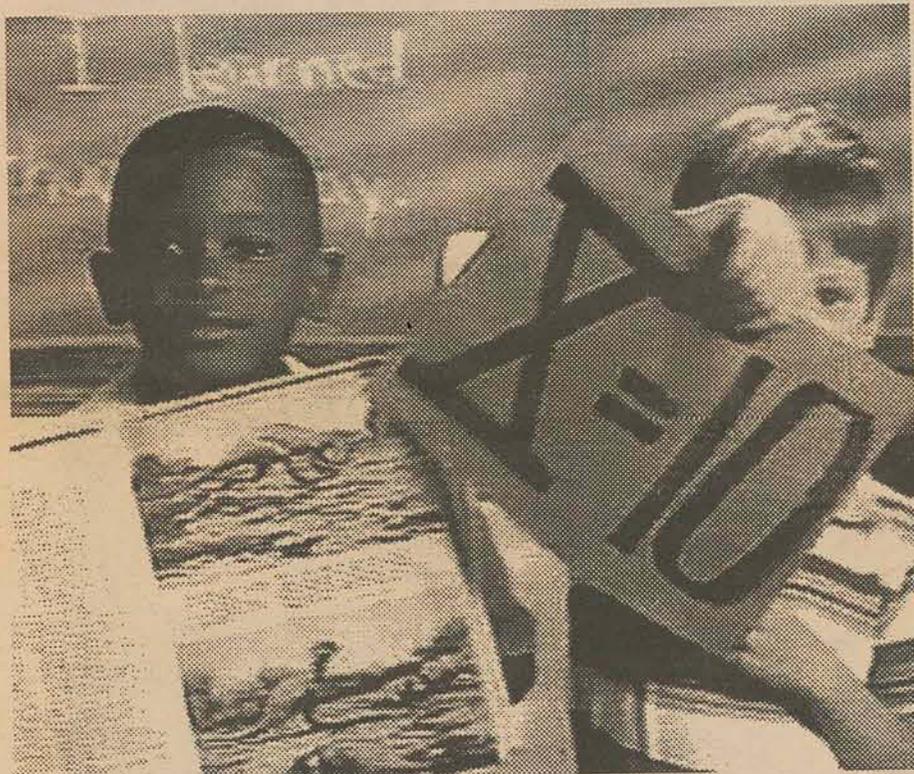
Num primeiro momento, o Centro de Referência consultou alguns setores para poder realizar seu primeiro levantamento. Constatamos que os empresários brasileiros não produzem estes recursos. Alguns se dizem interessados em conhecer as propostas dos educadores, outros entendem que produzir recursos didáticos com temas afro-brasileiros é racismo.

O Programa de Educação do NEN entende que as instituições de ensino têm

imensa responsabilidade em relação a este quadro. O Ministério da Cultura e as Secretarias de Educação comportam-se como se não existissem alunos e alunas negras nos bancos escolares e não contemplam - quando adquirem recursos didáticos - o público diverso e multirracial que compõe as escolas brasileiras.

Por outro lado, os educadores também ressentem-se da falta de recursos para desenvolver as diretrizes pedagógicas propostas pelo MEC e as Secretarias de Educação, em especial os Parâmetros Curriculares e sua intervenção quanto à pluralidade cultural.

Com o Centro de Referência estamos, então, iniciando um debate com setores da sociedade para buscar mudar este quadro.



## TOQUES AFROS

### GRUPO RAÇA

O Grupo Raça - coletivo de professores e alunos do Colégio Teotônio Vilela, em Curitiba - surgiu em 1994 com o objetivo de refletir, discutir e combater junto aos estudantes e comunidade escolar toda forma de discriminação e preconceito. O Grupo está interessado em manter contatos. O endereço é: GRUPO RAÇA/ Colégio Estadual Teotônio Vilela. Rua Roberto Redezinski, 1000- CIC- Norte- Moradas Augusta. Curitiba/ PR - Fone/ Fax (041) 285-1937, com professora Maria José.

### CURSO NA UDESC

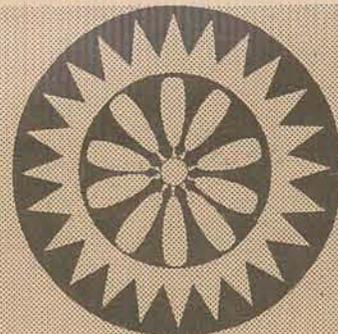
De 15/6 a 10/7 é o período das inscrições para o curso de especialização em Educação, Relações Raciais e Multiculturalismo, da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. O curso objetiva possibilitar aos educadores e profissionais da área de Ciências Humanas acesso à reflexão acadêmica sobre relações raciais e multiculturalismo e experiências das populações de origem africana. A carga horária é de 390 horas/aula; 25 vagas, e os pré requisitos são: ficha de inscrição, curriculum vitae, diploma/histórico escolar, fotocópia de carteira de identidade, pré-projeto de pesquisa e taxa de 30,00 reais. Informações (048) 222-9168, com professor Paulino.

### CURSO NO PARANÁ

CENTHRU estará realizando nos de 11 a 14 de junho em Curitiba o Curso "Multiculturalismo e educação" que terá como objetivo levar os participantes à compreensão do contexto étnico-cultural em que é adotada a educação multicultural e o papel exercido por ela na camuflagem de conflitos sociais e raciais. A segunda etapa, nos dias 25 e 26 de julho terá como tema "Movimento Hip Hop no Brasil e Nos Estados Unidos". A ministrante será a professora Maria Aparecida da Silva, Historiadora e Mestranda pela Howard University Washington D.C/ USA Informações (041) 335-1117 ramais 252 e 260, com Jayro.

### CONCURSO

A ANPED (Associação Nacional de Pós Graduação em Educação) e a Ação Educativa, com apoio da Fundação Ford, estarão lançando no segundo semestre deste ano o Concurso "Negro e Educação", que contemplará com bolsas, pesquisadores iniciantes de Centros de Pesquisas, Entidades, ONG'S e Universidades. Informações na ANPED - (011) 367-0085.



# A Influência das Línguas africanas no Português do Brasil

Sandra Mara Aguilier  
Professora da rede pública  
estadual em Londrina-Pr

Sabemos que a língua evolue, se transforma e se modifica, tanto na escrita como na fala, porém estas situações auxiliam decisivamente para que haja a evolução lingüística.

Nosso trabalho, tenta ressaltar o estudo da "Influência Africana na língua Portuguesa", bem como o estudo do português e suas variações lingüísticas. Por variações entende-se diversas formas que a língua portuguesa se concretiza dependendo de quem fala - de quem escreve.

Ao trabalharmos estas variações na sala de aula, podemos perceber, o quanto é importante para o educando, saber que, falar: "Ele vai chegá" não está incorreto e que lingüisticamente falando é uma Apócope, ou seja, a queda do "r" final, influência esta da língua africana. Como tantos outros exemplos trabalhamos no decorrer desta sinopse.

A importância deste trabalho é: Deixar claro e evidente a influência Africana em nossa Língua Portuguesa, como também atentar, para as variantes lingüísticas que o educando traz à escola, que sem dúvida são diferentes, a variante culta tomada como modelo para nosso ensino.

Língua e raça formam dois elementos que tem evolução paralela a ponto de serem muitas vezes confundidos. (Como o negro fundiu-se com o português e do consórcio resultou o mestiço, parecia lógico que este mestiço falasse, um dialeto crioulo).

No século XIX acentua-se o fator africano, na intimidade da família na vida do campo como na cidade, o negro é uma figura infalível.

No Brasil, deve ter havido dialetos crioulos em diversos lugares da colônia. Tiveram, porém, existência muito instável e cedo desapareceram.

O negro influenciou sensivelmente a nossa linguagem popular. Alterações fonéticas de origem africana, convém notar que ainda no campo da filologia românica, o fenômeno se reproduziu ou tende a produzir-se no:

**Romeno:** *l molhado reduziu-se no y semivogal: foias- folia, fiu-filiu, muiere-muliere;*

**Francês:** *o l molhado reduziu-se a y no interior pelo desaparecimento do som lateral: fille, bataillon, travail-fye, batayon, travay.*

**Espanhol:** *o l molhado reduziu-se a y no sul da Espanha, o povo de Madrid pronuncia: caye (calle)*

**Italiano:** *o l molhado reduziu-se a y primeiro no norte e tende desaparecer até na língua de Roma.*

## ASSIMILAÇÃO:

O fonema j passa para o sibilante z

Jesus - Zezús

José - Zozé

## DISSIMILAÇÃO:

Ocorre nos grupos consonânticos de elocução, difícil:

negro - nego

alegre - alegue

## AFÉRESE:

Ao negro atribui-se aférese violenta:

estar - tá

você - ocê

acabar - cabá

Sebastião - Bastião

## APÓCOPE:

Aparece em l e r finais: general - generá



cafezal - cafezá

mel - mé

A queda do r final aparece também nos dialetos crioulos da África. Na ilha de São Tomé: Cuié em vez de colher ou se troca em l irmon-limó, ou recebe i de apoio: flor - flori

Da Ilha do Príncipe: vender - vendê

Da Ilha do Ano Bom: matar - matá

ou recebe um e de apoio: mulher - miere ou alterna com l: Senhor - Chiol

## METÁTESE:

de es para se - escuta - secuta

escola - secula

É comum entre eles "secuta aqui"

## ROTACISMO:

A inexistência do r nas línguas Bantu originou a substituição do f forte português pelo linguodental l o seu abrandamento em r fraco:

rapaz - lapassi

carro - calo

Esse fato ficou restrito aos negros que ainda continuam a pronunciar assim em Angola:

era - ela

claro - calado

fora - fola

## SUARABATI:

A intercalação entre uma momentânea e uma vibrante:

Cláudio - Culáudio

Flor - fulô

Clemente - Quelemente

Justifica-se esta hipótese o tratamento semelhante que

sofrem os grupos

consonânticos entre os

angolenses que falam o

quilombo:

Rodolfo - Rodolofu

Cristovão - Kirisobo

Cristina - Kirixima

## REDUÇÃO:

Os ditongos ei e ou, por influência africana, reduziram-se na língua popular do Brasil.

ei - ê - Cheiro - chêro

peixe - pêxe

beijo - bêjo

Caboverdiano: pôco - pouco

Guineense: lígero - ligeiro

Ilha São Tomé: ei - ê:

primeiro - plumêlo

A influência mais profunda das línguas africanas no

Português brasileiro se fez sentir na Morfologia. É a simplificação e redução das flexões.

"Os home tá i"

"As prima já chegaro"

"Ele brigô c'os fiyo"

"São uns diabo os neguinho da cumadi Candiá"

A tendência a pluralizar o determinante produz uma curiosa forma: "ques" "quis moleque indemuiaçu"

Muitas vezes o verbo sofre as consequências dessa atitude simplista.

Normalmente só há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas, como se vê, por exemplo, do presente do indicativo do verbo comprar:

Eu compro, tu compra, ele compra, nois compra, eis compra.

Dignos de nota são os fenômenos de deglutição e aglutinação de fonemas, como acontece com o s do determinate, que se incorpora à vogal da palavra seguinte, produzindo nova forma autônoma e fecundante.

"Zarreio" (resultado de os-arreio) donde "zarreia o alimá" (arreja o animal)

"Zóio" (consequência de os-óio), donde "Zóia a prucissão passá; "Zome" (nascido de os-home) que aparece em frases como: "uma sala cheia de zome, etc."

O mesmo se dá com o pronome oblíquo da expressão. "Ir-se embora" que é interpretada como ir simhora, daí as frases como eu vou simborá, eu vou timbora.

A medida que se vai subindo a escala social, vai diminuindo estas formas simplicadora. Nas camadas acima da média ainda se pode pescar aqui e ali no falar descuidado ausência de flexão numérica nos nomes e nas 3as pessoas dos verbos.

No entanto, Glastone ouviu de uma pobre negra, a qual se referia a filha: "Caíu-lhe todo o cabelo!"

O que demonstra que o nivelamento lingüístico deva ser feito respeitando não o modelo oficial, mas sobretudo as variantes consolidadas e vivenciadas pelos cidadãos.



## COMO FAZER

Porta-lápis "boneca negra":

**Material necessário:** uma lata de leite condensado com tampa, tecido ou papel colorido, lã, tinta marrom, vermelha, branca e preta, pincel e cola.

**Como fazer:** Abra a lata e conserve parte da tampa fixa. Pinte a lata de marrom e espere secar. Forre a parte externa com tecido ou papel colorido. Pinte olhos, bocas, nariz na parte frontal da tampa. Faça uma trança de lã e envolva a tampa da lata. Seu porta-lápis está pronto.



Este espaço tem como finalidade estimular a criatividade do leitor. Se voce desenvolve alguma atividade artística-literária e quer vê-la publicada, encaminhe para o NEN (rua Felipe Schmidt, 390/701/ Centro) que divulgaremos seu trabalho. Este recado é dirigido a professores e alunos, leitores do Educa-Ação Afro.

O autor do trabalho publicado receberá um livro com temas referentes ao Negro e Educação.